

A nota de humanidade no atual governo baiano

(De um nosso companheiro que esteve na Bahia)

Já se vão tornando conhecidas no país, como uma lisonjeira e brilhante realidade democrática, as audiências gerais da Bahia, chamadas nos outros Estados audiências públicas e onde o sr. Otávio Mangabeira, pondo em prática as idéias e os princípios que sempre defendeu e pregou, aproxima, o mais que pode, o povo do governo, evitando, por esse modo, que haja intromedários entre o governo e o povo. Não há pessoa na Bahia, ainda que seja um mendigo, que, desejando falar pessoalmente ao governador atual, não o consiga. Não há pretensão justa, não há queixa procedente, nem há direito, postergado na esfera administrativa do Estado ou dos municípios, que não possam ser levados ao conhecimento do primeiro magistrado baiano, pelos próprios interessados. É o contato mais íntimo e seguro, que possa haver no Brasil, entre governados e governantes.

No atual governo da Bahia, todo devotado ao interesse público, predomina, por assim dizer, a nota de humanidade, resultante não só da orientação política como também da formação moral do governador — homem de larga experiência política e administrativa e que, depois de ter sido quatro anos ministro das Relações Exteriores, com excepcional prestígio nos meios diplomáticos, conheceu a prisão política e sofreu as agruras do exílio por muitos e muitos anos, quando viu de perto, na Europa e nos Estados Unidos, os horrores da segunda guerra mundial. Tudo isso explica, de certo modo, a dedicação do sr. Otávio Mangabeira, no governo da Bahia, aos problemas sociais, ao ponto de, em sua administração, se acentuar a nota de humanidade, ora quando se facilita a todos, e aos mais humildes, o acesso à presença do governador; ora quando se verifica o pendôr constante do governo, uma evidente predileção, pelos problemas que interessem aos mais desprotegidos da sorte, aos mais infelizes, aos mais desgraçados.

Até em discursos, quando oportuno, o sr. Otávio Mangabeira, ao contrário de outros governantes, que as escondem, põe a nu as misérias sociais e econômicas de sua terra e de sua gente, concitando os cidadãos a que o ajudem a combatê-las. Tem declarado, nessas ocasiões, que, enquanto os comerciantes, os bancários, os industriais, os marítimos e muitas outras classes têm os seus sindicatos e institutos; a grande maioria das classes muito pobres não tem instituto algum, ou, se o tem, será o Instituto dos Desamparados; mas como esse Instituto seja apenas imaginário, cumpre ao próprio governo, como lhe for possível, objetivá-lo.

A primeira obra pública inaugurada pelo atual governo baiano foi o Albergue Noturno, na capital. Tem 150 leitos para homens e 50 para mulheres. Abriga os que ali se apresentam espontaneamente e os que são recolhidos à noite pela polícia, por não terem onde dormir. Ao chegarem esses miseráveis, tomam banho e vão deitar-se. São despertados pela manhã, e saem, depois de tomarem alimento.

O serviço de alienados era deplorável. No Hospital Julião Moreira havia loucos despídos, por falta de roupa; e dormiam dois na mesma cama, por falta de leitos. Almoçavam pouco, e não jantavam. Faltava água e não havia esgotos. Crianças e adultos estavam em promiscuidade. Agora, tudo melhorou. O governador, frequentemente, visita o hospital. Os loucos têm roupas, e se alimentam como precisam. Há higiene; há tratamento médico; há espírito de humanidade. Dentro do seu infortúnio, não podem esses loucos viver melhor. Todavia, estão providenciadas novas instalações, onde possam viver melhor ainda. Em recente discurso, aludindo a esse doloroso problema, disse o sr. Otávio Mangabeira, entre irônico e triste: "Final, já se pode ser louco na Bahia..."

Há já mais de dez anos, na fazenda de Aguas Claras, que dista cerca de quarenta minutos de automóvel do centro da capital, o governo da União iniciou a construção de vários pavilhões para leprosos. As obras, porém, foram suspensas e nunca mais prosseguiram, ficando as construções inacabadas e entregues à ação do tempo. Continuaram então os leprosos a viver no Leprosário Rodrigo de Menezes, que existe há mais de um século, e que é, em suma, atrasado e sórdido.

O governo Mangabeira, em entendimento com o governo federal, retomou a construção abandonada. Tem feito as grandes e necessárias despesas, bastando dizer-se que só no que concerne ao abastecimento da água e serviço de esgoto, terá de investir cerca de um milhão de cruzeiros. Os trabalhos estão a terminar, e até novembro do corrente ano deverá ser inaugurada a Colônia de Leprosos de Aguas Claras — um leprosário digno deste nome.

Outro problema, e grande, é o da tuberculose, contra o qual o governo, e o governador em pessoa, se empenham com todas as forças. A cidade do Salvador é uma daquelas onde morrem, em todo o mundo, mais tuberculosos; mas, em compensação, o

sr. Otávio Mangabeira preside a uma obra de combate à tuberculose que será, provavelmente, a maior da América do Sul. O Hospital Santa Terezinha, que se encontrava em péssimas condições, está sendo remodelado e abriga, neste momento, cerca de trezentos enfermos. Será a matriz da Vila dos Tuberculosos, que existirá dentro em breve. Todas as quartas-feiras, o governador, acompanhado do secretário de Educação e Saúde, permanece duas horas nesse hospital, fazendo estudos e tomando providências. Anexo ao de Santa Terezinha havia um prédio destinado a ser um hospital para crianças tuberculosas, prédio, cuja construção não fora terminada, e que se estava danificando, ao abandono. No governo do sr. Otávio Mangabeira, as obras desse edifício foram concluídas, custando centenas de milhares de cruzeiros. Com a cooperação do Serviço Nacional de Tuberculose, o governo baiano está dotando o hospital do necessário equipamento, esperando-se que já no mês vindouro seja inaugurada essa casa, com capacidade para 120 crianças. Será mantida pelo Estado.

Três outros hospitais serão construídos em terrenos vizinhos, adquiridos pelo governo estadual. Um desses hospitais será levantado pelo Instituto dos Bancários, e outro pelo governo federal; devendo o segundo ser mantido pelo Estado da Bahia. Faverá também dispensários e ambulatórios, pois, como diz frequentemente o sr. Otávio Mangabeira, a sociedade deve reconhecer que muitas e muitas mortes causadas pela tuberculose poderiam ser evitadas, se houvesse assistência condigna. A tuberculose pôde, muitas vezes, ser detida, em sua marcha.

Todo esse conjunto de hospitais, dispensários e ambulatórios constituirá a «Vila dos Tuberculosos», a qual deverá ser, no gênero, a maior da América do Sul. E para que se tenha uma vaga idéia do interesse com que o governador da Bahia se devota a este problema, basta dizer que ele destina, mensalmente, um terço do seu subsídio, isto é, cinco mil cruzeiros, para auxiliar a campanha contra a tuberculose na terra de Castro Alves.